

FAMÍLIA DE SANTO NA TENDA DE NAÇÃO AFRICANA DO PAI OXALÁ: SANGUE E PERTENCIMENTO

INGRID ADRIELLE DE SOUZA FREITAS SANTANA¹;
LOUISE PRADO ALFONSO²

¹Universidade Federal de Pelotas – e-mail: ingridsantana_25@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente ensaio pretende elucidar algumas das relações da Família de Santo na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá – Terreiro este localizado na cidade do Rio Grande, Rio Grande do Sul. A análise tem início a partir de minha inserção na Tenda, primeiramente enquanto “agregada” (no final de 2015) e, depois, enquanto Filha de Santo (em meados de 2016). Também é continuidade da etnografia em realização no doutorado em Antropologia com ênfase em Arqueologia.

Compreendendo a complexidade do tema, entendo não ser possível a análise profunda dos distintos aspectos que compõem a Família de Santo e, muito menos, tenho qualquer pretensão de generalizar os componentes da composição familiar do Batuque gaúcho. Sendo assim, pretendo abordar, unicamente, algumas das relações familiares da Tenda, que é de Nação Oyó-Jeje, ressaltando que, cada Terreiro tem suas próprias regras e, ainda que haja um *fundamento* mais ou menos similar no Batuque de maneira geral, os Terreiros se distinguem entre si em inúmeras peculiaridades.

2. METODOLOGIA

O exercício de Arqueologia do Presente, descrito por GONZÁLEZ-RUÍBAL, (2007) enquanto a análise das sociedades contemporâneas com um fim em si mesmas, não mais para fins comparativos e uma “mera fonte de analogias” (IDEM, p.19) como outrora era feito na etnoarqueologia, me permitiu, para além das materialidades, observar as relações de família e parentesco do Terreiro e trazê-las à luz, com auxílio bibliográfico, das noções identitárias e constituintes do conceito de família para as Culturas/Religiões de Matrizes Africanas. A Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá foi fundada em 1960, com seu terreno comprado pela Mãe Iracema do Xapanã e com o Terreiro fundado pelo Pai Rubens de Oxalá. Isto porque Mãe Iracema se *aprontou*¹ posteriormente e, sendo seu Rubens já *pronto*, ele que funda o Ylê. Por esta razão, sempre se diz no Terreiro que “A casa é do Xapanã, mas a Tenda é do Oxalá”. Vale a pena ressaltar que Mãe Iracema e Pai Rubens eram casados. O Terreiro, portanto, nasce de um casal e assim se manteve, como veremos.

É comum se ouvir no Terreiro, que a Tenda é passada de “Pai para filho”. E, uma vez que o casal original teve dois filhos, após a morte de seu Rubens, seu Rudinei de Oxalá, o primogênito, esteve à frente da Casa junto com sua mãe, dona

¹ O termo “se aprontar”, no Batuque, refere-se àqueles/as que já cumpriram todas as *Obrigações*, que são as etapas de iniciação e desenvolvimento, que se firmaram em seus respectivos Santos (Orixás), que podem, abrir suas próprias Casas (Terreiros, Ylê, Centros, entre outras nomenclaturas) e estão aptos/as a terem seus próprios/as Filhas de Santo. É comum associarmos a imagem de uma criança, que, *nasce* junto ao seu/sua Orixá e, com Ele/a, se desenvolve até ter a independência tal qual um/a “adulto/a”. E, como tal, *pode* escolher por ter responsabilidades de se tornar Pai/Mãe de Santo.

Iracema, até ela falecer. Dona Geny de Oyá, esposa de seu Rudinei, passou então a comandar, junto ao seu esposo, a Tenda. O casal teve três filhos e, após o falecimento de seu Rudinei, a escolha para o comando da Tenda parecia ser o primogênito, também de Oxalá. Mas tal responsabilidade acabou por ir para as mãos de Rudy do Xapanã, o segundo filho que, atualmente, comanda a Tenda com sua mãe, Mãe Geny de Oyá. Muitos detalhes dessas relações² não serão contemplados neste espaço, mas que a etnografia me permitiu ter acesso, não apenas pelos lábios dos dirigentes, mas pelos filhos/as de Santo que passaram pelo Terreiro e faziam ecoar as histórias da Tenda.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A frase sempre repetida no Terreiro “A Tenda é uma Casa que passa de pai para filho” pode parecer ecoar o que SCHNEIDER (2016) nos informa, ao discursar a respeito do parentesco americano, em que

A relação **de sangue**, como definida no parentesco americano, é formulada em termos biogenéticos concretos. (...) de relação sexual entre um homem, como genitor, e uma mulher, como genetriz. (...) Portanto, os fatos da natureza reais, verdadeiros e verificáveis são o que a formulação cultural é. E os fatos da ciência reais, verdadeiros e objetivos (que também são, obviamente, os fatos da natureza) são que o pai e a mãe fornecem metade da constituição biogenética do seu filho. A relação que é “real” ou “verdadeira” ou “**de sangue**” ou “de nascença” jamais pode ser rompida, qualquer que seja sua posição legal. (SCHNEIDER, 2016, p 36, grifos meus).

Entretanto, nas minhas observações, ao longo dos anos de Batuque, ainda que, a Tenda seja “passada pai para filho” (este filho correspondente ao filho biológico), a relação familiar “de sangue” não se reduz a isto. Pouco se é trabalhado sobre a Família de Santo, em especial, no Batuque do Rio Grande do Sul, mas, ainda mais rara é a perspectiva que escreverei aqui. Dificilmente, filhos/as de Santo conseguirão exprimir o amor e devoção que costumam sentir por suas/seus Mães/Pais de Santo ou colocar, em palavras, a lealdade e ligação com estas/es. Entretanto, de fato, algumas pessoas trocam de Mãe/Pai de Santo, algumas vezes, seja por uma questão de afinidade, de mal-estar, entre outros motivos. Mas é muito difícil e doloroso sair da *mão* de um/a Pai/Mãe de Santo. E, em geral, até estarmos em outro Terreiro, com nova/o Mãe/Pai de Santo, ficamos um tanto perdidas/os e com pesar no coração, que é difícil de traduzir em um texto.

A constituição da própria Família de Santo remonta ao passado escravista brasileiro, no qual, famílias “consanguíneas” eram separadas, crianças nasciam de violência sexual contra mulheres negras/indígenas e, por resistência, alívio e sobrevivência, os/as escravizados/as se uniam, em solidariedade, para o culto dos Orixás que foram trazidos para o Brasil. Em África, se o comum era ter o mesmo Orixá de sua família biológica, nos contextos escravistas, onde, muitas vezes, não se sabia ou não se queria associar o “pai” da criança, os Orixás passam a *escolher* (utiliza-se também o termo “gritar” pelas/os) suas/seus filhas/os – que são Suas manifestações humanas na Terra. As alianças feitas na escravidão (muitas vezes até entre etnias rivais), formaram as Famílias de Santo no Brasil e, para firmar o Orixá e dar o estatuto de Pai ou Mãe e de filha/o/e de Santo, é necessário o *corte*³.

² De casamento, de intrigas, de filhos/as etc.

³ Sacralização.

Uma vez, realizado o corte pela/o Mãe/Pai de Santo, o sangue sagrado é ofertado ao Orixá da filha/o através do derramamento do mesmo no Ori (cabeça) desta/e e, a carne é imediatamente levada para ser preparada na cozinha. Todas/os que estão presentes no Terreiro na ocasião do corte (chamado também de obrigação) devem se alimentar daquela carne. Para nós, não há morte. Tudo se transforma em Axé. O animal, entregue ao Orixá, vira substância para alimentação das pessoas presentes e alimento direto para a/o Orixá da/o filha/o de Santo por meio do sangue. Ao colocar a mão na cabeça de sua/seu filha/o e se conectar através do sangue para alimentar o Orixá da pessoa, a/o Mãe/Pai de Santo passa a guardar e guiar tanto o Santo (Orixá) da pessoa, quanto a própria pessoa.

Como o sangue é uma “coisa”, e como ele é subdividido em cada passo reprodutivo de **um ancestral** dado, o grau preciso de compartilhamento hereditário entre duas pessoas pode ser calculado, e pode-se estabelecer a “distância” em termos quantitativos específicos. A natureza inalterável da relação do sangue tem mais um aspecto significativo. **Uma relação de sangue é uma relação de identidade. Pessoas relacionadas por sangue acreditam que compartilham uma identidade comum.** (SCHNEIDER, 2016, p.37, grifos meus)

Mesmo abordando um parentesco extremamente forjado nos modelos da modernidade, me sinto à vontade de referenciar os dados observados por SCHNEIDER (2015), mostrando uma outra forma de apropriação desta matéria biológica e ancestral – o sangue. Sendo assim, o sangue usado como marcação identitária de um Terreiro, bem como a *mão* de quem realiza o corte e o derrama (Pai/Mãe de Santo) é fundamental na Família de Santo. E mais: pelas mãos de quem nos apronta, estabelecemos nossa hereditariedade sagrada (chamada de *Bacia*⁴). Então, por exemplo, seu Rudinei era filho biológico de seu Rubens e dona Iracema, mas filho de Santo do Pai João, mas seria, de qualquer maneira, neto da mesma avó de Santo caso fosse aprontado pelo pai biológico, já que tanto Pai João quanto seu Rubens eram filhos de Santo da Mãe Rosinha da Iemanjá. Ainda que se argumente que este sangue e a carne consumida em comunhão no Terreiro por quem ali está seriam apenas “simbólicos”, como dito acima, a relação que se cria com sua/seu Mãe/Pai de Santo, suas/seus irmãos/ãos, após a realização da obrigação, é algo que, como SCHNEIDER (2016) disse “jamais pode ser rompida”. Tanto que, uma vez que a/o filha/o de Santo saia de determinada/o Mãe/Pai, é necessário “tirar a mão” do sacerdote/sacerdotisa anterior o que requer algumas etapas específicas e, se necessário, colocar outra mão no lugar.

Outra coisa que o sangue acaba por fazer, na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá, é a reconfiguração do tabu do incesto. Tanto que, se um casal chega à Tenda para serem filhas/os/es de Santo, cada pessoa vai para mão de um dos dirigentes, pois, tecnicamente, seriam “irmãos/os” e, na Tenda, particularmente, isto é visto como um problema. E, aqui, vemos uma das importâncias do casal que comanda o Terreiro. Este casal pode ser formado pela conjugalidade (como foi o caso de seu Rubens e dona Iracema; de seu Rudinei e dona Geny), ou de filhas/os com Mães/Pais (como foi o caso de dona Iracema com seu Rudinei; e, por fim, de dona Geny com Rudy).

Mas, conforme fui observando atentamente tais relações, percebi que, mais que uma Casa “passada de pai para filho” é uma Casa que precisa do equilíbrio do

⁴ Bacia refere-se à linearidade/hereditariedade da família de Santo. Muitos de nós conseguimos apenas, infelizmente, chegar a nossos bisavôs/ós de Santo. Outras/os conseguem, com bastante esforço, ir além em suas buscas, mas é raro.

casal – de um *duo*. Antes de Rudy assumir, quando estava apenas dona Geny, a Tenda era constantemente alvo de ataques e “guerras” e isto é sentido por cada filha/o de Santo, dirigente, seres humanos e não humanos presentes na Tenda. Quando Rudy assume, ao lado da mãe, não é que os ataques tenham cessado, mas o equilíbrio retorna e há maior proteção à Tenda. E, nesta parte, creio que tenha a ver mais com a tradição e fundação da Tenda (acostumada a ser regida por, pelo menos dois Orixás principais) e que acaba por impactar no dia a dia e no bem-estar do Terreiro.

4. CONCLUSÕES

As relações sanguíneas, quando abordamos o conceito de família – em especial as famílias mais “tradicionais” da modernidade-ocidental-capitalista, significa um sangue por DNA. Entretanto, ao nos debruçarmos no parentesco das Famílias de Santo, este sangue, esta carne, esta comunhão, este se sentar à mesa para estar juntas/os traça novos contornos. Contornos estes que, acima de tudo, precisaram ser configurados em uma realidade na qual este DNA não podia (ou se queria) ser trazido à tona, mas que, justamente por meio da solidariedade, da fé e da resistência, se perpetua. E se perpetua seja trazendo a parte do DNA *também* para a configuração dos Terreiros (como o caso de a Tenda ser passada de “pai para filho”) e para além deste código genético, com devoção, comunhão, sangue, carne e amor.

As relações de parentesco Tenda foram apenas resumidamente esboçadas aqui e muito mais poderia ser dito sobre as relações familiares do Terreiro. Mas creio que o aprofundamento destas relações deve ser realizado posteriormente, com um maior destaque pois, como costume dizer, Terreiros são fortalezas que se mantêm em meio a um mar moderno-ocidental (este mar representado pela sociedade moderno-ocidental hegemônica em torno destes Terreiros). Podemos abordar processos educativos, culinários, as relações materiais – que já esbocei um pouco na minha dissertação (SANTANA, 2019), dos espaços físicos que permitem que, no Batuque, os agentes humanos e não-humanos convivam, a ideia de comunidade externa e que se torna pertencente em determinados momentos, em outros não... e tudo isto sob a ótica de família e parentesco. Entretanto, dada a complexidade do tema, prefiro que tais assuntos sejam mais bem esmiuçados e analisados em suas peculiaridades em mais trabalhos futuros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FONSECA, Claudia. Apresentação de família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu**, n.29, p.9-35, 2007.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, A. De la Etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, J.; DOMINGO, I.; AZKÁRRAGA, J.; BONET, Helena (orgs). **MUNDOS TRIBALES: UMA VISIÓN ETNOARQUEOLÓGICA**. Museu de Prehistória de Valencia: 2007, p. 16-27.
- SANTANA**, Ingrid A.S.F. **Codínome Macumba**: a vida na Tenda de Nação Africana do Pai Oxalá e Suas Estruturas Sagradas. Dissertação de Mestrado, UFPel, 2019.
- SCHNEIDER, David M. Parentesco Americano: uma exposição cultural. **Vozes**: Petrópolis, 2016.